

## **A EDUCAÇÃO NA OBRA DE TOLSTÓI: UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL**

Daniela Polizel PEREZ

Natália Franzoni de OLIVEIRA

Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo

**Resumo:** O presente ensaio tem como objetivo geral delinear as noções fundamentais da relação de Tolstói com a educação, desde suas críticas aos métodos pedagógicos ocidentais e russos, até as propostas que visam um ensino livre de repreensões. Para isso, visa-se também apresentar as principais marcas do escritor, para que conhecendo seu perfil, melhor se compreendam suas ideias pedagógicas, já que a temática educacional não está desconectada de sua trajetória de vida, nem de seus outros escritos, visto ser perceptível a coerência existente em sua obra, como se procurou evidenciar neste trabalho.

**Palavras-chave:** literatura russa; Tolstói; educação.

### **TRAÇANDO UM BREVE PERFIL DE UM GRANDE ESCRITOR**

Apresentar Tolstói em apenas algumas pinceladas não é uma tarefa simples, já que a compreensão mínima de sua complexa obra requer detalhes e reflexões mais aprofundadas. A sua importância como escritor e pensador será brevemente exposta através da seleção de conhecimentos que julgamos importantes para situar seu envolvimento com questões pedagógicas dentre suas outras preocupações artísticas e de natureza sócio-religiosa.

Liev Tolstói não é apenas conhecido pela sua obra literária, uma das principais da literatura russa, mas, também, pelos escritos doutrinários que originaram o tolstoísmo, doutrina formada por adeptos das ideias elaboradas pelo escritor em sua maturidade. No entanto, dividir Tolstói entre o antes e o depois de suas crises, entre o artístico e o doutrinário é vê-lo muito superficialmente. Separar as crises de Tolstói, que resultaram em suas ideias doutrinárias, da sua obra literária também é um equívoco, uma vez que esse tipo de abordagem é simplista e não compreende toda a complexidade tolstoiana. Essa “dualidade” que se julga em Tolstói, para Eichenbaum, “não é reflexo de sua natureza, como uma sua singularidade pessoal, mas um ato superior da sua personalidade criadora”; nessa perspectiva, a dualidade se apaga e permite que a sua produção seja abordada “em seu sentido real e profundo” (EICHENBAUM, 1924 in GÖRKI, 1983, p. 84), porém, ela não é suficiente para contemplar toda a sua obra.

O escritor recebeu uma formação conforme se esperava de uma família aristocrata russa e a sua juventude também foi similar à de jovens de sua classe, com vícios relacionados ao álcool e ao jogo, além de visitas frequentes a prostíbulos. O arrependimento desses atos juvenis o perseguirão a vida inteira, como ele mesmo deixa transparecer em anotações em seu diário e em cartas, e que refletirão, de um lado, em seu moralismo e conservadorismo e, de outro, em seu desconforto por pertencer à classe social que tanto problematiza.

O mesmo Tolstói que futuramente irá combater o patriotismo por ser o principal causador de guerras alista-se, em 1851, no exército e comanda uma unidade durante a Guerra da Crimeia. Em *O reino de Deus está em vós* (1893), trabalho que reúne ensaios de introspecção e meditação religiosa, o escritor expõe a ideia de não resistência ao mal, uma maneira de se opor à violência dos governos rompendo um ciclo destrutivo. A sua posição em defesa do pacifismo o fez ficar conhecido em todo o Ocidente, tornando Iásnaia Poliana, onde residia, em um lugar de peregrinação, além de aproximá-lo da filosofia de Gandhi, com quem trocou correspondência.

Dessa época é uma anotação de Tolstói que indica as ideias iniciais de seus escritos doutrinários da década de 1880: “Ontem, a conversa sobre o divino e a fé me induziu a um pensamento (...) a fundação de uma nova religião, que corresponda ao desenvolvimento da humanidade, uma religião de Cristo, mas purificada da fé e do mistério, e que dê a bem-aventurança na terra” (TOLSTÓI *apud* SCHNAIDERMAN, 1983, p.15-16). Dentre os escritos religiosos do escritor, vistos como uma versão do anarquismo cristão, está a tradução livre dos quatro Evangelhos, em que, por exemplo, acrescenta uma visão social de Jesus, retirando seu status sobrenatural.

Em *Uma confissão* (1882), Tolstói relatou a trajetória de sua vida religiosa e concluiu que Deus existe; além disso, criticou a Igreja Ortodoxa por pregar contradições, como o apoio à guerra ao mesmo tempo em que celebra o amor. O sentimento do escritor diante das ações da Igreja pode ser sintetizado pela seguinte frase: “Observei atentamente tudo o que acontece com pessoas que professam a cristandade e fiquei aterrorizado” (TOLSTÓI, 2011, p. 35). As críticas de Tolstói à Igreja Ortodoxa resultaram em sua excomunhão em 1901.

O escritor apresenta suas convicções através de uma lógica inflexível, que evidencia sua intensa personalidade ao questionar ações do Estado, da Igreja e da nobreza, revelando uma alta consciência dos problemas coletivos, como também ao apresentar questões de contrassenso, como a abstinência sexual mesmo no casamento, posição defendida na novela *A Sonata a Kreutzer*. Apesar de se empenhar para colocar esses ideais em prática, Tolstói acreditava que a perfeição é inatingível, mas deve ser buscada mesmo que não possa ser alcançada. O moralismo, portanto, permeia muitos de seus escritos, sejam eles literários ou doutrinários, nos quais “a responsabilidade moral de cada indivíduo é aliada por ele a uma concepção evangélica e à recusa de reconhecer as normas da igreja” (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 20).

Assim como Tolstói se preocupou com questões pedagógicas, a situação dos mujiques, antes e depois da emancipação, e o campo russo, também chamaram sua atenção. Suas críticas, além de estarem em seus ensaios, também estão expressas em seus escritos literários, como, por exemplo, em *Ressureição* (1899), obra na qual Tolstói denuncia o sistema jurídico que abandona o povo russo, além de atacar, através do mesmo romance, a

Igreja Ortodoxa. Esse tipo de posicionamento do escritor inquietava o governo russo, que chegou a interditar muitos dos seus escritos e a enviar policiais para vasculhar, em 1882, Iásnaia Poliana, mas que não agia de modo a atingir, diretamente, a sua pessoa.

O início de sua produção literária foi por volta da década de 1850 e continuou durante sua longa vida. Tolstói deixou uma extensa obra que abrange romances, novelas, contos, peças, ensaios, diários e cartas, sendo os romances *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Kariênina* (1878) os que estão entre as maiores obras-primas da literatura ocidental. Foi depois da conclusão de *Anna Kariênina* que Tolstói passou por uma crise profunda que não perdoou nem sua própria obra literária, considerando-a resultado de “ vaidade, interesse mesquinho e orgulho ” (TOLSTÓI *apud* SCHNAIDERMAN, 1983, p. 22). Com isso, ele se dedicou aos contos populares que possuíam um tom moralizante mais marcado, além de expressar uma recusa da cultura livresca e uma aceitação da cultura popular como sendo a de verdadeiro valor, pois se aproxima do mais espontâneo e natural. O estilo direto e simples de seus escritos, que é capaz de registrar a percepção imediata de um fato, evidencia uma idealização do camponês, visto que Tolstói fez várias anotações sobre a língua empregada pelos mujiques.

Aos vinte e quatro anos, Tolstói registrou em seu diário que não poderia escrever “sem um objetivo e sem esperança de utilidade” (TOLSTÓI *apud* SCHNAIDERMAN, 1983, p. 62), ideia que mais adiante será expressa em seu ensaio *O que é arte?* (1896), que expõe sua opinião de que a moralidade deve ser um critério para avaliar uma obra de arte. Apesar de sentir-se na obrigação de escrever com um objetivo, Tolstói expressou em seus diários a nostalgia pelo trabalho puramente literário, o que pode ser visto pelos estudiosos como uma das contradições do modo como ele encara a arte, principalmente, a literatura.

Aos trinta e quatro anos casou-se com Sófia Andréievna Behrs, de dezenove anos, que Schnaiderman (1983, p. 39) considerou como “uma digna companheira de Tolstói, com extremos de lucidez e oscilação entre a paixão mais ardente e o moralismo mais violento”. Na casa ancestral de Iásnaia Poliana, viveram e tiveram treze filhos, dos quais cinco morreram ainda pequenos. Com o tempo, o relacionamento com a sua esposa foi se desgastando à medida que Tolstói se sentia cada vez mais incomodado com a sua condição de nobre, vivendo no luxo enquanto milhões de pessoas viviam na miséria. Eram frequentes as discussões entre o casal pelas divergências sobre as ideias doutrinárias que Tolstói buscava colocar em prática, como por exemplo, se vestir igual aos camponeses e usar roupas que ele mesmo fazia, além de querer abdicar de seus bens e dos direitos autorais de suas obras. Nessa briga, o escritor chegou a ser pressionado, de um lado, pela esposa, que temia que o marido não assegurasse o bem-estar da família, e, do outro, por Tchertkóv, um amigo de Tolstói que apoiava suas ideias doutrinárias e que se tornou um dos mais conhecidos tolstoístas. A situação se tornou tão insustentável para Tolstói que culminou em sua fuga.

Embora aquele fosse um momento de mudanças drásticas em sua vida devido ao abandono a sua propriedade e, principalmente, a sua esposa, o escritor não deixou de escrever suas incisivas opiniões ao produzir, no mosteiro Optina Pustín, um longo artigo contra a pena de morte. Tolstói tinha a intenção de viajar para o sul e depois para o exterior, mas foi acometido de uma pneumonia e deteve-se na estação de Astápovo, que logo foi tomada pela imprensa, pelos adeptos do tolstoísmo e pelos filhos de Tolstói. Sófia, após

reagir à notícia da fuga do marido com uma tentativa de suicídio no açude de Iásnaia Poliana, dirigiu-se à estação, mas só possibilitaram a sua aproximação quando o escritor já havia perdido a consciência. O falecimento do escritor foi, até em seu último momento, intenso, assim como toda a sua vida e obra.

## ENFIM, A ATUAÇÃO TOLSTOIANA NA EDUCAÇÃO

Dizer que Tolstói era, ou melhor, ainda é uma grande referência no campo literário torna-se algo redundante frente ao que dele se conhece, bem como à maestria encontrada em suas obras. Considerar que ele foi um cidadão russo preocupado com questões políticas, econômicas e sociais do mundo como um todo, mas principalmente àquelas relativas a seu país é uma ideia já constatada nas breves palavras que acima descrevem as características primordiais de Tolstói não só como escritor, mas também como pessoa ou, como é preferível a alguns, doutrinário.

O que nos cabe agora é tentar demonstrar os pontos basilares dos pensamentos, reflexões, críticas e atitudes de Tolstói perante a questão educacional, a qual frequentemente aparece em seus escritos e também em textos de estudiosos especialistas tanto em sua vida quanto em sua obra. Para que se tenha ideia da importância das considerações de Tolstói sobre essa temática, vale observar os apontamentos de Aurora F. Bernardini que, no prefácio da obra *Contos da Nova Cartilha: primeiro livro de leitura* (2005), destaca o fato de Tolstói ter produzido 629 trabalhos, dentre os quais muitos são dedicados a metodologias de ensino e recomendações a professores, sem considerar ainda a intensa correspondência que trocava com os amigos, da qual uma parte considerável ocupa-se de suas críticas e propostas educacionais. Vale dizer que muitos de seus trabalhos não foram traduzidos do russo, o que dificultou, aqui, uma abordagem mais minuciosa do assunto. De qualquer maneira, embora alguns considerem extremistas os ideais tolstoianos de modo geral, neste caso mais especificamente os ideais educacionais, é fato que o autor provocou reflexão e suscitou questionamentos acerca do assunto, tendo, portanto, deixado sua contribuição a uma área tão essencial como é a educação.

É sabido que muitos costumam dividir a imagem de Tolstói em um antes e um depois de uma chamada crise tolstoiana. Um aspecto relevante de se observar é que geralmente a dedicação de Tolstói à educação está associada à vivência de sua crise, ou seja, à sua percepção de que vida e literatura são meios muito contrastantes e que, portanto, ele precisaria fazer algo pelos menos favorecidos, já que a denúncia, por si só, não seria suficiente. É o que nos diz Berlin (1988, p. 246):

A percepção do contraste entre a vida e a literatura sempre perseguiu Tolstoi. Ela o fez duvidar de sua própria vocação de escritor. Como outros jovens russos de linhagem e fortuna, tinha plena consciência da terrível condição dos camponeses. A mera reflexão ou a denúncia pareciam-lhe um modo de se subtrair à ação. Devia agir, devia começar pelas suas próprias terras.

À vista disso, Tolstói teria aberto uma escola em suas próprias terras e iniciado seus trabalhos pedagógicos, onde pôde encontrar grandes falhas no sistema educacional russo. No entanto, Boris Eichenbaum (1920), em dois ensaios contidos no livro *Leão Tolstói*, de Máximo Górkki, considera que as crises estão presentes ao longo de toda a criação de Tolstói, o que não seria uma característica particular do autor, mas sim da própria arte, já que “(...) a própria arte sofria estas crises. Estava superada a poética romântica. Era preciso que a arte olhasse de modo novo para a vida, para se justificar.” (EICHENBAUM, 1920 in GÓRKKI, 1951, p. 89). Sendo assim, para Eichenbaum (1920), todas as crises vividas por Tolstói estavam fundamentadas na busca de formas artísticas singulares e em suas justificativas, até mesmo sua empreitada na escola e na educação seria, na verdade, “(...) uma busca artística profundamente oculta. Como que inesperadamente para si mesmo, Tolstói transforma-se de professor em experimentador.” (EICHENBAUM, 1920 apud GÓRKKI, 1951, p. 90). Todavia, muitos amigos de Tolstói acreditavam que o escritor estava abandonando a literatura, tanto que alguns até lhe escreveram na tentativa de induzi-lo contra isso, como é o caso de Drujínin, que redigiu: “Todo escritor tem momentos de dúvida e descontentamento consigo mesmo, e, por mais forte que seja este sentimento, ninguém ainda, por causa dele, cessou de ter ligação com a literatura e cada um escreveu até o fim” (DRUJÍNIN apud GÓRKKI, 1951, p. 90).

O que se delineou até aqui foi uma tentativa de mostrar o quão conflituosa e complexa é a atitude de interpretar o elo que se estabelece entre Tolstói e seus feitos, neste caso, seu vínculo à pedagogia.

Em sua experiência escolar pessoal, Liev Tolstói nunca frequentou uma escola antes de ser aceito na Faculdade de Línguas Orientais e, posteriormente, na de Direito, as quais abandonou, apesar das boas notas. Ele fora educado em casa, com preceptores e, posteriormente, por si só, já que se interessava em comparar e desenvolver métodos de aprendizagem. De acordo com Rabello (2009), Tolstói reabriu em 1859, aos 31 anos, uma escola em Iásnaia Poliana, terras de sua família, onde vivia com seus tutores, por ser órfão de pai e mãe. A escola destinava-se aos filhos dos camponeses que trabalhavam em suas terras, já que Tolstói sempre sonhara em eliminar o analfabetismo, pelo menos, entre os camponeses russos. Apesar de suas boas intenções, o conde depara-se com um modelo educacional que não o satisfaz, considerando tal protótipo como falho e insuficiente para uma boa e qualificada educação.

Decidiu, então, viajar para o exterior, a fim de estudar os métodos pedagógicos ocidentais. De maneira breve, mas eficaz, Berlin (1988) descreve as principais experiências e percepções de Tolstói nessa viagem. De modo geral, a metodologia ocidental não agradou ao conde, o qual as considerou “(...) na melhor das hipóteses, inúteis, quando não perniciosas, para as crianças a que se aplicavam.” (BERLIN, 1988, p. 246). Tamanha fora sua decepção, que Tolstói chegou a classificar as escolas inglesas como “antiquadas” e o ensino francês como mecânico e decorado. Berlin (1988) cita que, de acordo com o escritor, as crianças francesas somente eram capazes de dar respostas corretas por terem aprendido de cor, já que se um mesmo conteúdo fosse exigido sob um ângulo diferente, as respostas apresentadas eram absurdas, o que corroborava a hipótese de que aquele conhecimento era insignificante para elas. Outro

alvo das críticas de Tolstói é a Alemanha, na qual os professores satisfaziam-se em ver que as crianças eram submissas e obedientes, como determinavam as regras alemãs de comportamento. Para Tolstói, esse método somente tornaria as crianças estúpidas, ao invés de trabalhar sua criatividade.

Essa breve exposição confirma o forte posicionamento crítico de Tolstói frente à condição em que se encontra a educação em sua época. Como muito bem nos esclarece e resume Rabello (2009, p. 15),

Tolstói jamais poupou várias e duras críticas às escolas, à pedagogia e aos pedagogos de sua época, fossem russos ou estrangeiros; para ele, o principal problema estava no fato, incontestável, de que a escola não respondia às questões que a vida colocava, ou seja, havia uma visível e inegável distância entre escola e vida e, conseqüentemente, entre as verdadeiras necessidades do povo, ofuscadas pela obrigatória submissão à pessoa e ao poder do professor, e, se quisermos ir um pouco além, igualmente ignoradas pelo Estado. Em outras palavras, Tolstói defendia atividades pedagógicas saudáveis, que unissem os envolvidos (...) em torno do saber, da troca de experiência entre todos, sem exceção, o que atenuava, inclusive, toda e qualquer hierarquia, pois ele acreditava que todos nós temos o que ensinar a qualquer pessoa, e cada pessoa, seja ela quem for, tem sempre algo a nos ensinar. Para Tolstói, era igualmente de extrema importância que o aluno desenvolvesse sua capacidade criativa (...) a qual deveria ser sempre alimentada.

Desiludido com a viagem em que buscava encontrar soluções para a pedagogia russa, Tolstói retorna à Rússia e assume, ele mesmo, a educação das crianças camponesas de suas terras. Para isso, ele reabre a escola fundada em Iásnaia Poliana e continua seus estudos em busca de formular um novo método de aprendizagem que rechace, principalmente, estratégias coercivas sobre a instrução dos alunos.

De acordo com Bartlett (2013, p. 206), “a principal missão de Tolstói como educador era introduzir a liberdade na experiência de aprendizagem (...)”, ou seja, a frequência nas aulas estava a critério dos próprios alunos e o currículo de atividades era bastante flexível, já que, para Tolstói, o professor é que tinha de se adequar às exigências dos alunos. Essas atitudes são reflexo da íntima ligação que Tolstói mantinha com as teorias de Rousseau (SCHNAIDERMAN, 1983), a quem se atribui o princípio de que todos os homens nascem livres e, portanto, a liberdade é parte da natureza humana. Dessa maneira, é possível melhor compreender o raciocínio anti-institucional de Tolstói, bem como sua negação à violência no que diz respeito às práticas escolares, o que, provavelmente, está também associado às teorias da não violência e da não resistência ao mal, tão presentes nas obras tolstoianas. Sendo assim, “Tolstói acreditava que o desenvolvimento natural e pessoal da criança não deveria ser perturbado, ou contaminado, pelo professor. Quaisquer punições tampouco eram admitidas em sua escola, pois, para ele, a inutilidade da violência era evidente (...)” (RABELLO, 2009, p. 15).

Data de 1859 um artigo de Tolstói intitulado *Quem deve aprender a escrever com quem, as crianças camponesas conosco ou nós com as crianças camponesas?*, no qual ele defende muitas de suas posturas enquanto narra uma experiência vivida com seus alunos, a prática de redigirem, juntos, um texto. Tolstói destaca, então, o talento de seus alunos, em especial de Fiedka e Siomka, afirmando que os textos das crianças são melhores quando não há sua interferência, e chegando a dizer que nem mesmo Goethe conseguiu alcançar tamanho nível artístico. De acordo com Schnaiderman (1983, p.

81), “esta noção de que a verdade e a sabedoria estariam com as crianças e o povo passa a ser uma das pedras angulares de todo o seu pensamento”, o que pode estar ligado à identificação de Tolstói com o povo camponês e sua simplicidade/pureza, em oposição a sua dura crítica à sociedade burguesa russa, dotada de caprichos e atitudes desmoralizantes. Como bem salienta Eichenbaum (1924 in GÓRKI, 1983, p. 91), “aqui está esboçada a futura passagem de Tolstói ao primitivo. Em vez de temas, Tolstói dava provérbios aos alunos, que serviam como que o risco de um bordado para o encadeamento dos pormenores num ornamento simples e claro”. Essa afirmação evidencia algumas práticas de Tolstói como educador, tais como seu incentivo à redação dos alunos a partir de provérbios, visando melhor trabalhar a criatividade dos mesmos. Vale destacar que Tolstói era também um grande contador de histórias; assim, “(...) alguns alunos ficavam acordados até altas horas da noite, para ouvirem os contos do Conde Tolstói, que mais tarde eles próprios contavam à sua maneira, e o autor anotava suas versões” (BERNARDINI, 2005 in TOLSTÓI, 2005, p. 15).

Ainda nesse artigo de 1859, Tolstói afirma que “(...) não devemos ensinar crianças em geral, sobretudo crianças camponesas, a escrever e a compor (...) textos poéticos. Tudo o que podemos fazer é ensiná-las a abordar o processo criativo.” (TOLSTÓI, 2013, p. 363). Isso porque o conde defende a ideia de que a infância é um período de harmonia e, portanto, trabalhar o desenvolvimento das crianças não deve ser um objetivo da educação, já que isso ocorrerá de forma espontânea. Logo, para Tolstói, “(...) a educação estraga e não corrige as pessoas.” (TOLSTÓI, 2013, p. 363), pelo menos da maneira como era aplicada na Rússia e nas escolas ocidentais que ele visitou.

Em 1862, Tolstói funda uma revista educacional, a *Revista da Escola de Iásnaia Poliana*, onde conta alguns episódios que aconteciam em sua escola, divulga textos escritos por seus alunos, bem como passa a divulgar seus ideais educacionais. Quanto à difusão de seus princípios, é por meio dessa revista que Tolstói argumenta a não aplicabilidade do sistema educacional europeu à educação russa, concluindo que a Rússia precisaria encontrar um caminho próprio (BARTLETT, 2013, p. 214). Além disso, ele divulgava textos de outros professores que lecionavam nas escolas da redondeza, já que “valendo-se de sua posição de juiz de paz, no outono de 1861 ele já conseguira abrir 21 escolas locais, todas funcionando a pleno vapor” (BARTLETT, 2013, p. 213).

Entretanto, em 1862, a polícia secreta do tsar invadiu a propriedade de Tolstói e revirou tudo em busca de algo que o incriminasse. O Conde Tolstói decide, então, fechar suas escolas por medo de que essa atitude dos policiais causasse danos a sua imagem e integridade frente aos camponeses. Todavia, há quem diga que o fechamento das escolas tenha também outro motivo: a perda de interesse na instituição frente a uma nova paixão, sua esposa; é o que se observa no seguinte trecho:

Temendo que a ação policial tivesse maculado de maneira irreparável sua reputação de probidade junto aos camponeses, Tolstói decidiu fechar suas escolas, e na primavera seguinte todos os professores já tinham ido embora (...). Mas havia outro motivo pelo qual Tolstói perdeu seu interesse nas escolas: finalmente tinha encontrado a mulher com quem se casaria. (BARTLETT, 2013, p. 216-217).

Se Liev Tolstói havia ou não perdido o encanto pelas escolas e pela pedagogia naquela época, o que resta é uma interrogação. O que se pode afirmar é que no período de 1872 a 1875, Tolstói reabre sua escola e “(...) expõe os resultados obtidos no período anterior.” (RABELLO, 2009, p. 14), agora com a ajuda de sua esposa e alguns filhos, que também lecionavam nas escolas. Direta ou indiretamente, Tolstói havia, portanto, continuado seus estudos no campo pedagógico, já que em 1872 ele publica sua primeira *Cartilha*. Supõe-se ainda que a educação de seus próprios filhos seja outro forte motivo que o faz retornar à pedagogia,

Tolstói jamais padecia da escassez de ideias para escrever romances, mas qual era o sentido de colocá-las em prática se a vasta maioria da população sequer sabia ler? (...) A vontade de educar as pessoas mais uma vez entrou no campo de visão de Tolstói, e ele considerava que a publicação de sua *Cartilha* em 1872 era a culminação de treze anos trabalhando para esse objetivo. Se no início da década de 1870 os pensamentos de Tolstói mais uma vez se voltaram para o ensino e a aprendizagem era porque ele certamente ainda tinha uma profunda preocupação com a causa da educação popular, mas também porque estava pensando em algo bem mais próximo e “doméstico”: seus próprios filhos. (BARTLETT, 2013, p. 273).

Segundo Bartlett (2013), foi durante a educação de seus filhos que Tolstói comprovou o quão inadequados eram os livros de alfabetização para crianças. Para o conde, os livros de leitura eram totalmente incompreensíveis e desinteressantes devido a sua superficialidade e irrealidade. Frente a essa realidade, Tolstói decide escrever a *Nova Cartilha*, muito melhor do que a primeira em organização e conteúdo, bem como em recepção.

Rabello (2009) suspeita que Tolstói tenha escrito a *Nova Cartilha* por não ter conseguido cumprir todas as suas exigências pedagógicas na primeira. Além disso, com base nos estudos de Egorov, especialista em história da educação, Rabello (2009, p.22) afirma que

(...) o caráter inovador da *Cartilha* não foi imediatamente compreendido nem apreciado, ao contrário, suscitou várias polêmicas e, graças também a elas, Tolstói pôde melhorar bastante sua *Nova Cartilha*, que foi favoravelmente recebida pela imprensa, por revistas especializadas em pedagogia e, finalmente, adotada pelo Ministério da Educação da Rússia,

feito esse que acaba por realizar o sonho de Tolstói de que as crianças russas fossem alfabetizadas por seus métodos.

Outro ponto merecedor de destaque são os *Livros de Leitura* escritos por Tolstói, nos quais ele inseriu contos, fábulas, histórias verdadeiras, contos fantásticos, entre outros. Todas as histórias já existentes eram por ele reformuladas e adaptadas a seus objetivos. Tanto Rabello (2009) quanto Bernardini (2005) salientam que os *Livros de Leitura* não possuem caráter moralista, já que as fábulas, por exemplo, apresentam, primeiramente, os personagens e uma situação para, posteriormente, trazerem uma interpretação ou conclusão da história, “(...) os contos de seus *Livros de Leitura*, traduzidos nas línguas mais diversas, foram lidos e apreciados por milhões de crianças que se empolgaram com a sobriedade e a precisão da expressão, com as fórmulas breves e as conclusões sem retórica moralizante.” (BERNARDINI, 2005 *apud* TOLSTÓI, 2005, p. 23). Todavia, embora a moral não esteja

em primeiro plano nesses livros, é possível perceber que as histórias reunidas nos mesmos transmitem bons ensinamentos, como os de solidariedade e fraternidade, tão exaltados por Tolstói em muitos de seus textos e obras. É o que se observa na fábula *A formiga e a pomba*<sup>1</sup>, presente no livro *Contos da Nova Cartilha: Primeiro livro de leitura*.

A preocupação de Tolstói com uma educação que transmita ensinamentos moralmente nobres às crianças é algo constante em sua dedicação à pedagogia. Mesmo quando não mais lecionava, ele ainda mencionava em cartas a amigos ou a sua nora, por exemplo, a importância de “(...) uma concepção religiosa da vida, não tanto na maneira de ensinar, mas sobretudo como guia de princípios de todas as atividades pedagógicas.” (TOLSTÓI, 2011, p. 360).

Uma das cartas em que Tolstói aborda questões sobre educação foi escrita em 1901 e direcionada a Biriukov, um dos adeptos de suas ideias. Em seu conteúdo, o escritor expõe que entende por concepção religiosa, fundamental para a prática pedagógica, a união fraterna entre as pessoas, através da ajuda mútua e do reconhecimento de que todos são iguais entre si. A partir desse pensamento tolstoiano, podemos reafirmar a harmonia existente em toda a sua obra, ou seja, Tolstói apresenta uma grande consciência social que permeia diversos assuntos que se unem como um todo para revelar a sua magnificência. A moral, por exemplo, é um dos principais pontos que unem sua obra, uma vez que está presente, implícita ou explicitamente, em todos os seus trabalhos e que constitui o fundamento de suas preocupações, seja ela em relação a sua conduta pessoal ou à da sociedade.

Ao abordar a educação não poderia ser diferente. Para Tolstói, há uma distinção entre a instrução e a educação, a primeira por se dar pela sugestão consciente, ou seja, a transmissão de conhecimentos, e a última pela inconsciente que, apesar de ser negligenciada pelo modelo escolar vigente, é a mais importante, pois transmite a moral. Nos poucos casos em que a escola difunde a moral, isso é feito pela esfera consciente através da preconização de regras morais que se mostram dissimuladas ao serem proferidas por indivíduos que agem de maneira oposta. Dessa forma, Tolstói defende que para se educar uma criança é preciso que haja a assimilação inconscientemente da conduta moral através de exemplos e isso se dá em grande parte pela maneira de viver do educador, assim como da família.

A idealização da vida simples, tão marcante em seus escritos, novamente é perceptível quando Tolstói afirma que a verdadeira educação só pode existir em famílias de trabalhadores pobres e nunca em uma família burguesa, pois

as crianças escutarão as lições de moral, de respeito a outras pessoas, mas de forma inconsciente, não apenas imitarão como também assimilarão como verdade o fato de que determinada pessoa nasceu para limpar sapatos e roupas, para carregar água e lixo (...). Se simplesmente levarmos a sério o fundamento religioso da vida – a fraternidade entre as pessoas – não há como não percebermos que pessoas que vivem do dinheiro tomado de outros (...) levam uma vida imoral, e nenhum sermão livraria seus filhos de uma sugestão imoral. (TOLSTÓI, 2011, p. 362).

---

<sup>1</sup> Uma formiga aproximou-se do riacho para beber água. Veio uma onda, encobriu-a e por pouco ela não se afogou. Uma pomba voava com um galinho no bico, viu a formiga quase se afogando e atirou o galinho no riacho. A formiga subiu no galinho e se salvou. Mais tarde, um caçador armou uma rede para capturar a pomba. A formiga se aproximou e mordeu o pé do caçador; o caçador deu um grito e largou a rede. A pomba bateu asas e voou. (TOLSTÓI, 2005, p. 27)

Já na carta escrita a sua nora, redigida no ano seguinte, o escritor faz um forte apelo para que ela considere suas advertências acerca da educação de seus netos. As ideias expressas em ambas as cartas se complementam, pois Tolstói também sustenta a ideia de que uma boa educação é aquela que mostra à criança o trabalho daqueles que a cerca, realizado por razões socioeconômicas que ela deve passar a entender e a se envergonhar delas, pois “se ela não sentir vergonha, e se continuar a se aproveitar disso, isso é indício da pior educação, que a marcará profundamente por toda a vida” (TOLSTÓI, 2011, p. 214). Diferente da carta exposta anteriormente, em que ele defende que uma criança de família com posses não pode ser educada moralmente, para Sônia, ele indica uma preocupação não apenas com a classe abastada adulta, mas com o futuro dela. E é por meio de uma educação moral e cristã que Tolstói tem esperança de que esse ciclo de atitudes imorais, praticadas, principalmente, pela sua classe social, seja quebrado.

A sua inquietude diante das desigualdades foi ainda mais profunda pelo momento histórico-social em que viveu e pela posição social que ocupou. Presenciar uma mudança sócio-religiosa, portanto, parece ser o que Tolstói não apenas mais ansiava, mas, também, buscava colocar em prática, pois, para ele, não bastava estudar e elaborar sobre essas questões. Suas escolas, cartilhas e livros de leituras são parte da evidência de que Tolstói não esperava, mas agia conforme achava ser possível provocar mudanças; e ele sabia que a educação era, e ainda é, um meio essencial para que isso aconteça.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTLETT, Rosamund. *Tolstói: a biografia*. São Paulo: Globo, 2013.
- BERLIN, Isaiah. Tolstói e o Iluminismo. In: BERLIN, Isaiah. *Pensadores Russos*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 241-261.
- GÓRKI, Máximo. *Leão Tolstói*. Tradução de Rubens Pereira dos Santos. São Paulo, SP: Perspectiva, 1983, p.81-92.
- RABELLO, Belkiss. *As cartilhas e os livros de leitura de Lev N. Tolstói*. 2009. 289 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/.../BELKISS\\_RABELLO.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/.../BELKISS_RABELLO.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2014.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Leão Tolstói: antiarte e rebeldia*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.
- TOLSTÓI, Leão. *Contos da nova cartilha: primeiro livro de leitura*. Prefácio de Aurora Fornoni Bernardini; Tradução de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- TOLSTÓI, Liev. Quem deve aprender a escrever com quem, as crianças camponesas conosco ou nós com as crianças camponesas? In: GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). *Antologia do pensamento russo*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 339-364. Tradução de Cecília Rosas e outros.
- TOLSTÓI, Liev; VÁSSINA, Elena (coord.). *Os últimos dias*. Tradução de Anastassia Bytsenko e outros; Seleção de Jay Parini. São Paulo, São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.